

Carta ao Editor: Parabéns Acta Médica Portuguesa! Quase 40 Anos de Indexação na PubMed... (Mas Para Quando uma Revista Portuguesa de Psiquiatria Indexada na PubMed?)

Letter to the Editor: Happy Birthday Acta Médica Portuguesa! Almost 40 Years of Indexation at PubMed... (But When Will We Have a Portuguese Journal of Psychiatry Indexed at PubMed?)

Palavras-chave: Internacionalidade; Portugal; Publicação; PubMed; Revistas

Keywords: Internationality; Periodicals as Topic; Portugal; Publishing; PubMed

Quantas revistas de Psiquiatria temos em Portugal? No Índice de Revistas Médicas Portuguesas¹ encontramos listadas pouco mais de meia dúzia de publicações. Além destas publicações, há pelo menos mais uma outra dezena que se encontra facilmente através de uma pesquisa *online* mais alargada (Tabela 1). Pelo menos desde 1949 que, têm surgido (e desaparecido) várias revistas de Psiquiatria, ora com sede em hospitais com ligação aos principais centros universitários, ora pela mão de várias sociedades científicas, um pouco por todo o país. No entanto e navegando nos respetivos *sites* da *Internet* rapidamente nos apercebemos que nenhuma destas duas dezenas de revistas médicas de psiquiatria está indexada na PubMed, que desde 1997 permite a pesquisa gratuita de milhões de artigos científicos, e é mantida em conjunto pela United States National Library of Medicine e pelo National Institute of Health.

De facto, o único período em que Portugal teve uma revista de Psiquiatria indexada na PubMed foi enquanto

Henrique João Barahona Fernandes e José Leme Lopes ajudaram Juan José López Ibor a manter vivas as *Actas Españolas de Psiquiatria*, primeiro como *Actas Luso-Espanólas de Psiquiatria y Neurología* (1947 - 1971) e depois como *Actas Luso-Espanólas de Psiquiatria, Neurología y Ciencias Afines* (1972 - 1998).² Assim sendo, estamos então há 20 anos sem uma revista que contribua para uma verdadeira exposição internacional da Psiquiatria portuguesa.

Mas porque é que nenhuma outra revista portuguesa de Psiquiatria conseguiu a indexação na PubMed?, perguntará o leitor mais curioso. A resposta só poderia ser dada se conseguíssemos entrevistar cada um dos vários editores que estiveram à frente das referidas revistas na segunda metade do século vinte. Ainda assim admitimos que se trata, de facto, de uma árdua tarefa, muito difícil de conseguir, tendo em conta os apertados critérios.³ Conseguimos imaginar, a título de exemplo, que seja especialmente complicado manter uma periodicidade regular dos números de uma revista científica, para já não falar no difícil equilíbrio entre a quantidade *versus* qualidade dos artigos publicados.

Uma revista portuguesa de Psiquiatria indexada na PubMed poderia muito bem até servir de estímulo à investigação e publicação de trabalhos científicos a nível nacional, facilitando a sua divulgação a nível mundial. Enquanto essa lacuna não é preenchida, resta-nos continuar a submeter os nossos artigos à Acta Médica Portuguesa, cujo processo de *peer review* se tem tornado cada vez mais apurado, garantido um nível de excelência científica crescente, particularmente nos últimos anos.

Parabéns Acta Médica Portuguesa pelos 40 anos de indexação na PubMed! E que faça outros tantos liderando essa elite de publicações nacionais.⁴

Tabela 1 – Revistas Médicas de Psiquiatria em Portugal (1949 - 2017)

Revista	Afiliação	Actividade*
Anais Portugueses de Psiquiatria	Hospital Júlio de Matos, Centro Hospitalar Psiquiátrico de Lisboa	1949 - 1973
Revista Portuguesa de Psicanálise	Sociedade Portuguesa de Psicanálise	1977 - 2017
Acta Psiquiátrica Portuguesa	Hospital Santa Maria, Centro Hospitalar Lisboa Norte	1980 - 2009
Psiquiatria Clínica	Centro Hospitalar Universitário de Coimbra	1980 - 2015
Revista Psiquiatria	Centro Hospitalar São João (Porto)	1981 - 2002
Boletim da Biblioteca do Hospital Júlio de Matos	Hospital Júlio de Matos, Centro Hospitalar Psiquiátrico de Lisboa	1982 - 1987
Anais de Saúde Mental	Sociedade Portuguesa para o Estudo da Saúde Mental	1984 - 1995
Revista de Psiquiatria	Hospital Júlio de Matos, Centro Hospitalar Psiquiátrico de Lisboa	1988 - 2017
Grupanalise	Sociedade Portuguesa de Grupanalise e Psicoterapia Analítica de Grupo	1989 - 2015
Toxicodependências	Serviço de Intervenção nos Comportamentos Aditivos e nas Dependências	1995 - 2011
Revista de Psiquiatria Consiliar e de Ligação	Grupo Português de Psiquiatria Consiliar/Ligação e Psicossomática	1995 - 2016
Revista Portuguesa de Psicossomática	Sociedade Portuguesa de Psicossomática	1999 - 2005
Saúde Mental	Centro Hospitalar Conde Ferreira (Porto)	1999 - 2013
Psilogos	Hospital Prof. Fernando Fonseca (Amadora)	2004 - 2016
Psiquiatria, Psicologia e Justiça	Sociedade Portuguesa de Psiquiatria, Psicologia e Justiça	2007 - 2017
International Journal of Clinical Neurosciences and Mental Health	Centro Hospitalar São João (Porto)	2012 - 2017
Revista Portuguesa de Psiquiatria e Saúde Mental	Sociedade Portuguesa de Psiquiatria e Saúde Mental	2015 - 2017

* período de tempo decorrido entre o primeiro e o último número da publicação.

REFERÊNCIAS

1. Filipe C, Crespo J. Índice de Revistas Médicas Portuguesas. [consultado 2017 out 23]. Disponível em: http://www.indexrmp.com/ins_revistas.aspx?mc1=30.
2. Fundación Juan José López-Ibor. Nuestra Historia - Actas Españolas de Psiquiatria. [consultado 2017 out 23]. Disponível em: <https://www.actaspsiquiatria.es/historia.php>.
3. United States National Library of Medicine. [consultado 2018 jan 16]. Disponível em: https://www.nlm.nih.gov/pubs/factsheets/j_sel_faq.html.
4. Crespo J. Onde estão as revistas médicas Portuguesas? [consultado 2017 out 23]. Disponível em: http://www.actamedicaportuguesa.com/info/apresentacoes_simposio/08-Jorge%20Crespo_I-Simp.pdf.

João GAMA MARQUES✉^{1,2}

1. Hospital Júlio de Matos. Centro Hospitalar Psiquiátrico de Lisboa. Lisboa. Portugal.
2. Clínica Universitária de Psiquiatria e Psicologia Médica. Faculdade de Medicina. Universidade de Lisboa. Lisboa. Portugal.

Autor correspondente: João Gama Marques. joagamarques@gmail.com

Recebido: 21 de janeiro de 2018 - Aceite: 22 de janeiro de 2018 | Copyright © Ordem dos Médicos 2018

<https://doi.org/10.20344/amp.10273>



Letter to the Editor Re: "Limited Health Literacy in Portugal Assessed with the Newest Vital Sign" by Dagmara Paiva and Colleagues. *Acta Med Port.* 2017;30(12):861-869.

Carta ao Editor Ref: "Prevalência de Literacia em Saúde Inadequada em Portugal Medida com o Newest Vital Sign" de Dagmara Paiva e Colaboradores. *Acta Med Port.* 2017;30(12):861-869.

Keywords: Health Literacy; Portugal; Prevalence; Validation Studies

Palavras-chave: Estudos de Validação; Literacia em Saúde; Portugal; Prevalência

We read the recent article by Paiva *et al*¹ describing the cross-cultural adaptation and validation of the Portuguese version of the Newest Vital Sign (NVS) with great interest. The validation of the instrument was performed with a convenience sample of participants including 21.3% (53/249) physicians, 38.2% (95/249) researchers, and 40.6% (101/249) primary care patients to ascertain the discriminatory power of the instrument. The validated instrument was subsequently administered to a representative sample of the Portuguese general population to estimate the prevalence of limited health literacy. The authors would agree that the educational level of the population used to validate the instrument is very different to that of the Portuguese general population. Assessing the discriminatory power of the NVS using a highly health literate population *versus* the general population will only

ensure divergent validity between these two extremely different populations.

While health literacy point prevalence assessments are important, instruments like the NVS are commonly used by healthcare researchers and practitioners as predictors of poor health outcomes and low medication self-management capacity,² which is especially important for elderly patients who are high health care users. However, an issue identified in a previous Portuguese study not cited in the original article by Paiva *et al*¹ is that the NVS demonstrated poor performance in the elderly population using medicines [mean age (SD) 73.3 (7.83) years (range 58 – 89)], resulting in a notable floor-effect.³ In that study, older adults presented mean NVS scores of 0.81 (SD = 0.10) with 95% respondents scoring in the three lowest possible scores.³ This floor effect is also visible in Paiva *et al* results where only 6.3% of adults aged 65 - 79 presented adequate health literacy, while 93.8% had possibly limited or highly likely limited health literacy. Similar findings with regard to the floor effect were reported in the Dutch cross-cultural adaptation of the NVS, even using a younger population (mean age 59.7 years).⁴

As a result of their high use of healthcare services and medication, older adults are an especially frail population that requires specifically designed health literacy screening tools, as highlighted in a recent systematic review.⁵ The floor-effect identified when assessing health literacy with the NVS in older patients hampers its predictive power as a proxy for poor health outcomes and poor medication self-management capacity. Thus, we do not recommend that researchers and clinicians in Portugal use the NVS when assessing health literacy of older adults in clinical practice.

REFERENCES

1. Paiva D, Silva S, Severo M, Moura-Ferreira P, Lunet N, Azevedo A. Limited health literacy in Portugal assessed with the Newest Vital Sign. *Acta Med Port.* 2017;30:861-9.
2. Schillinger D, Grumbach K, Piette J, Wang F, Osmond D, Daher C, et al. Association of health literacy with diabetes outcomes. *JAMA.* 2002;288:475-82.
3. Salgado TM, Ramos SB, Sobreira C, Canas R, Cunha I, Benrimoj SI, et al. Newest Vital Sign as a proxy for medication adherence in older adults. *J Am Pharm Assoc.* 2013;53:611-7.
4. Fransen MP, Van Schaik TM, Twickler TB, Essink-Bot ML. Applicability of internationally available health literacy measures in the Netherlands. *J Health Commun.* 2011;16:S134-49.
5. Chesser AK, Keene Woods N, Smothers K, Rogers N. Health literacy and older adults: a systematic review. *Gerontol Geriatr Med.* 2016;2:2333721416630492.